

Indícios de uma retórica: o suporte, a base material e os textos nas revistas pedagógicas¹

Isabel Cristina Alves da Silva Frade²

Problematiza a ausência, nas pesquisas sobre revistas pedagógicas, de uma abordagem do suporte e da leitura propriamente dita, apresentando uma breve revisão das investigações. Em seguida, apresenta algumas referências teóricas que possibilitam a abordagem da revista, como texto e como objeto, e pressupostos para a análise do discurso. Toma como elemento de análise os editoriais de três revistas pedagógicas mineiras, explorando-os a partir de três pontos de vista: o da função, o do formato e posição e o da organização e estratégias discursivas.

A revista como objeto de pesquisa na educação: breve revisão

A relação entre a imprensa periódica educacional e o estudo do campo educacional pode ser evidenciada pela importância dada às revistas de ensino como fonte de pesquisa histórica. Autores como Antonio Nóvoa e Pierre Caspard (apud CATANI, 1997) vêm empreendendo pesquisas na área e, no Brasil, pode-se levantar a partir das propostas dessa autora pelo menos duas necessidades básicas em relação à pesquisa sobre revistas:

“ estudo para estabelecer uma história serial e repertórios analíticos destinados a informar sobre o ciclo de vida, conteúdos, informações sobre produtores, leitores, etc.”

“ estudo específico e interno do periódico e sua produção, reconstruindo estágios de funcionamento e estruturação do campo educacional”.

Numa revisão de pesquisas realizadas no Brasil, CATANI (1997) indica vários estudos históricos que apresentam indícios da criação e existência de periódicos educacionais. Esses estudos não tomam a revista como objeto, mas apresentam, no bojo de suas análises, dados importantes que permitem recuperar algumas tendências e mesmo construir repertórios analíticos. A autora apresenta também um outro grupo de estudos que tomam a revista como objeto, voltando-se para os centros produtores de revistas, equipes envolvidas na produção, origens dos periódicos, análise de temas tratados, entre outros aspectos.

A análise sobre ciclos de vida, temas tratados e exame de representações são as mais recorrentes. Assim, apesar de as pesquisas tomarem como objeto textos a

¹ Este trabalho faz parte de uma série de análises que venho empreendendo no projeto de doutorado intitulado “A produção de revistas pedagógicas para professores a partir da abordagem de três revistas mineiras” sob a orientação de Magda Becker Soares

² Professora da FAE/UFMG, pesquisadora do Centro de Alfabetização Leitura e Escrita (CEALE/UFMG) e doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG



serem lidos, a produção destes como textos para leitura, assim como os processos de sua leitura propriamente dita, não têm sido objeto de investigações.

Além disso, a maioria desses estudos concentra-se em revistas de iniciativa oficial (associações de professores, órgãos oficiais) e poucos estudos são apresentados do ponto de vista da produção contemporânea de revistas e de sua produção pela iniciativa privada. (conforme CATANI, 1997, e dados do Banco de dissertações e teses da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, de 1997).

Numa análise da produção sobre revistas foram identificados títulos e resumos de 15 pesquisas sobre o tema realizadas até 1997; pode-se concluir, dos resumos, que predominam estudos sobre revistas oficiais de associações, órgãos governamentais, grupos de pesquisa e que a tendência mais acentuada é a de tomá-las como fontes para compreensão do campo educacional. A pesquisa histórica por tema é a mais recorrente e, em uma delas (GANDINI, 1990), abordam-se a origem, as características e criação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos; a pesquisa centra-se, entretanto, nas posições políticas de dois autores: Lourenço Filho e Almeida Júnior. Do ponto de vista da produção comercial contemporânea, aparece apenas uma pesquisa relacionada à revista Nova Escola (VIEIRA, 1995) também com enfoque no tema “construtivismo” - não havendo, nos trabalhos catalogados, nenhuma pesquisa comparativa entre revistas comerciais contemporâneas.

Do ponto de vista da leitura, aparece apenas uma pesquisa que não tem como objeto revistas de Educação, visto tomar a leitura de telenovelas por alunos de escola pública como objeto de estudo (TOLEDO, 1981). A pesquisa de ALVARENGA (1996) indiretamente, aborda a produção da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, do ponto de vista de recursos textuais, paratextuais e citações, a partir do referencial da Ciência da Informação e da Arqueologia do Saber de Foucault, mas seu foco de análise é o tema *institucionalização da pesquisa educacional no País*.

Verifica-se, pois, que não têm sido objeto de investigação produções contemporâneas, sobretudo as comerciais, não apenas do ponto de vista dos temas educacionais tratados, mas também como propostas de construção de discursos a serem lidos e de leitores a serem construídos, a partir de uma Sociologia da Leitura e dos cruzamentos que esta estabelece com a Educação.

Neste artigo elegeu-se como objeto de análise três revistas mineiras de produção contemporânea: *Amae Educando*, *Dois Pontos* e *Presença Pedagógica*, produzidas respectivamente pela Fundação Amae para a Cultura, Rede Pitágoras e Editora Dimensão.

Tendo em vista as tendências mais recorrentes, não se pretende, aqui, tomar as revistas apenas como objeto para levantamento de indícios sobre o campo educacional e sobre a formação de professores, mas, sobretudo, para análise delas como material impresso específico, que tem um projeto editorial com regras definidas para atingir um tipo específico de leitor-professor. A hipótese é que as revistas *apresentam* em seus fatores de legibilidade (mecanismos visíveis de facilitação e direção da leitura) e nos indícios textuais, determinados protocolos de leitura (CHARTIER, 1996), indicativos de seu projeto de leitor.

Analisando alguns processos de mediação das obras de cordel, CHARTIER (1990: 129) faz referências à intervenção editorial, “*que tem como objetivo adequá-los*

(os textos) à capacidade de leitura dos compradores que têm de conquistar”, trabalho este que “é orientado pela representação que estes (editores) têm das competências e das expectativas culturais dos leitores ...”

Será realizado, neste artigo, um exercício de análise de elementos do discurso manifestados na materialidade do texto. Para isso, serão destacados como elementos da superfície lingüística, os editoriais de janeiro de 1997 dos três periódicos, a serem explorados a partir de três pontos de vista: o da função, o do formato e posição e o da organização e estratégias discursivas.

Buscando o discurso da revista: a análise do suporte e da ‘superfície lingüística’

A necessidade de se incluir material lingüístico na pesquisa sobre a produção de textos pedagógicos para professores, impõe-se por apresentarem-se como evidências do discurso da revista. Como concepção, considero que o meu texto é a revista como um todo e é por isso que a análise refere-se à revista e não aos textos de autores isolados. Essa posição indica que é preciso definir o que venho chamando de revista como texto e destacar melhor o que é chamado de processo editorial. Numa revista não se tem artigos e reportagens de autores individuais, mas uma construção mais ampla. Ou seja, na composição geral do periódico é que poderiam ser encontrados indícios sobre o pacto que se pretende estabelecer com o leitor. A partir dessa idéia mais ampla de um discurso geral, o que pode apresentar-se como evidência seriam alguns procedimentos abordados por Roger Chartier: *mise en texte*, *mise en page* e *mise en livre*.

Dessa forma, a colocação dos textos em revista e seu resultado final apresentam-se como resultado de um processo de edição definido, evidenciado no processo de *configurar em revista*.

Alguns conceitos selecionados para dar suporte à análise do impresso são buscados em CHARTIER (1996) quando este apresenta uma distinção entre *procedimentos da colocação em textos (mise en texte)* e *procedimentos da colocação em livro (mise en livre)*³. A esse respeito, vale recuperar suas posições quanto a quadros teóricos e possibilidades de tratamento:

“Os procedimentos de colocar em texto são constituídos pelo conjunto dos procedimentos retóricos, dos comandos que são dados ao leitor, dos meios pelos quais o texto é construído, dos elementos que devem conduzir à convicção ou ao prazer. Existe, de outra parte, os procedimentos de colocar em livro, que podem apropriar-se diferentemente do mesmo texto. Eles variam historicamente e também em função de projetos editoriais que visam usos ou leituras diferentes. Portanto, sobre um mesmo texto, que tem suas próprias regras de ser como texto, os procedimentos de ser em livro podem variar de maneira extremamente forte. A pergunta histórica deve atuar justamente sobre esses dois registros. Um remete para o

³ É difícil encontrar uma tradução que represente adequadamente o sentido que essas expressões francesas apresentam. Como exemplo, pode-se citar duas traduções diferentes dessas expressões, no mesmo livro. No livro *Práticas da Leitura*, encontramos, na página 251, as expressões *colocar em texto* e *colocar em livro*, entretanto, na página 95, os termos são traduzidos, respectivamente, como *produção de textos* e *produção de livros*. Nesta última, o sentido pode ser alterado seriamente, tendo em vista o conjunto de sentidos que tais expressões carregam em nossa Língua Portuguesa. Em trabalho de pesquisa citado, esses procedimentos são descritos e traduzidos por Valdir BARZOTTO da seguinte forma: *mise en texte* como *textualização* e *mise en livre* como *recursos de composição*. Dessa forma, parece ser necessário criar uma nova expressão dicionarizada em Língua Portuguesa, como na situação criada pela introdução da palavra *letramento*, descrita por SOARES, 1998.



lado da análise e da pragmática dos textos, da análise das formas retóricas, do estudo literário. O outro remete para um saber mais técnico, o da história do livro, da bibliografia material, da história da tipografia. Creio que de seu cruzamento poderá nascer uma reinterrogação do objeto/livro em função dos problemas que colocamos hoje (p. 251).”

Trabalhar-se-á a partir desses dois conceitos: ao se analisar alguns textos das revistas como os editoriais, por exemplo, estar-se-á trabalhando com enfoque maior nos processos de textualização. Ao se considerar os outros fatores que comportam esses editoriais como aspectos gráficos que pretendem uma legibilidade, o tipo de papel, cores, ilustrações, principais marcas gráficas, posicionamento dos textos na página e na revista, estar-se-á tomando como foco o conceito de *mise en livre*, entendido, a partir de agora como colocação em revista. Nesse segundo caso, estarei tomando a revista como objeto.

Para este tipo de análise poderiam ser considerados vários tipos de textos existentes nas revistas: uma parte desse processo poderia ser evidenciada se, comparativamente, fossem analisados o discurso produzido por um “autor” específico e o discurso evidenciado no texto após sua colocação em revista. Por outro lado, um caminho possível seria proceder à análise de um ou dois temas tratados pelas três revistas, na tentativa de evidenciar a forma de colocá-los em texto. Desse modo, poderia ser focalizada a análise na questão da forma de abordagem, apesar de o conteúdo ser indissociado dessa questão. Estas opções não são trabalhadas neste artigo e podem ser conduzidas em pesquisas futuras.

Tendo como opção a análise da colocação em discurso, seria necessário considerar aspectos gerais dos periódicos que possam evidenciar posições das revistas quanto ao leitor-professor modelo, ou seja, a sua *retórica*: a capa, a segunda, a terceira e a quarta capas, o sumário, seções, fichas técnicas, tamanho dos artigos, tiragem, forma de distribuição, tipos de autores, imagens, ilustrações, gêneros textuais, formas de publicidade existentes na própria revista, e um texto definido, que institucionalmente representa o enunciador editor/editora: o editorial.

A partir da consideração teórico-metodológica que compreende que todo texto inserido numa revista pode ser interpretado como indicativo de seu discurso mais geral, escolhi a análise dos *editoriais*. Assim, tomo como base o texto já colocado em seu suporte, no caso o periódico

Essa dimensão pode ser enriquecida pela análise da totalidade do material, que, tendo como pano de fundo os aspectos político/ideológicos presentes na escolha dos temas em geral, evidenciará formas de tratamento especiais.

A análise desses mecanismos de composição da revista será realizada considerando o discurso institucionalizado da imprensa pedagógica como um dos importantes determinantes e o discurso do editor e o processo de edição geral como constitutivos desse discurso institucionalmente demarcado. Essa análise pode ser ampliada, se forem evidenciadas algumas subformações discursivas, só percebidas mediante o enquadramento dos indícios materiais e discursivos ao tipo de instituição editora que os produziu, cada uma delas participando de um campo simbólico e material definido e diferenciado.

Destacando como um dos elementos da superfície lingüística o editorial, esse pode ser analisado intertextualmente e microanaliticamente. A análise, tanto do discurso do editor, quanto do impresso, trabalhará com uma concepção de linguagem

na qual há fortes demarcações, entretanto, apesar de não considerar os sujeitos livres, também não se trabalhará com a idéia de assujeitamento e, sim, de interlocução.

Isso significa não considerar o editor como autor isolado de sua fala, nem os textos isolados de outros textos e do que os cercam, como recursos de composição. Outra posição é a de buscar enxergar as contradições nos discursos, não usando categorias ideológicas a priori para tentar enquadrá-los. Tem-se como pressuposto que o discurso institucionalizado é conservador, mas será que podem ser encontrados apenas elementos que confirmem esse a priori? Outro pressuposto corrente é que as posições ideológicas presentes nas empresas editoras visam somente à acumulação ou lucro, mas será que elas operam *tout-court* dessa forma? Até onde se pode trabalhar no campo do intencional e do imprevisto? Portanto, torna-se necessário fazer uma leitura do dito e do não dito, relacionando-os às categorias de dispersão e de contradição.

Um exercício de leitura dos editoriais

Conforme o Dicionário de Comunicação de BARBOSA e RABAÇA (1987), define-se por editorial:

“Texto jornalístico opinativo, escrito de maneira impessoal e publicado sem assinatura, referente a assuntos ou acontecimentos locais, nacionais e internacionais de maior relevância. Define e expressa o ponto de vista do ‘veículo’ ou da empresa responsável pela publicação (jornal, revista, etc.) ou emissão (programa de televisão ou de rádio). O editorial apresenta, principalmente em sua forma impressa para jornal traços estilísticos peculiares... No jornalismo moderno, a opinião expressa no editorial é alguma coisa mais do que a simples opinião do proprietário, observa Juarez Bahia. Salvo exceções de que ainda padece o jornalismo, a página editorial dos principais jornais brasileiros consubstancia, por exemplo, o conjunto de opiniões de diretores e editorialistas - estes profissionais, identificados com a linha do jornal, escrevem e atuam com autonomia e independência, critério e responsabilidade, garantindo um conceito de opinião que busca dignificar o veículo...”
(p.227)

Na definição apresentada, observa-se uma situação de produção de discurso enredada na necessidade de expressão de pontos de vista do veículo ou da empresa responsável pela publicação, a respeito de fatos considerados relevantes para a opinião pública e, ao mesmo tempo, na possível autonomia e independência de diretores e editorialistas, desde que garantam *um conceito de opinião que busque dignificar o veículo*.

Dessa forma, pode-se dizer que a forma ou conteúdo do texto, e sua materialidade lingüística, ocorrem numa situação discursiva marcada institucionalmente. A função primordial do texto seria deixar a marca opinativa do órgão publicante.

Com o objetivo de analisar o editorial jornalístico do Jornal O Globo, QUEIROZ (1997) define esse tipo de texto da seguinte forma:

Os editoriais jornalísticos tratam de temas da atualidade, de interesse relevante para a sociedade e que, provavelmente, causem polêmica. O jornalista que prepara o editorial deve ser capaz de usar estratégias que produzam efeitos de autenticidade e de verdade. Para tal, ele se apóia em fatos, enriquecendo-os com estatísticas e pesquisas, que vêm acompanhados de argumentos lógicos capazes de conduzir os eventuais leitores a uma

Uma abordagem do formato e posição do texto

Discutindo aspectos relativos ao ordenamento efetuado pelos livros, CHARTIER (1994) apresenta um dos sentidos desse termo:

“A ordem dos livros tem também, um outro sentido. Manuscritos ou impressos, os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (p.8).

Como elementos materiais do livro tem-se o próprio processo de produção, o formato, o tamanho e os aspectos textuais e para-textuais, a tiragem, os preços, os gestos de leitura, assim como suas mudanças no decorrer de momentos históricos diferenciados.

Analisando o processo de construção da coleção francesa Bibliothèque Bleue, o autor salienta que *“todo esse trabalho de adaptação - que diminui, simplifica, recorta, ilustra os textos - é comandado pela maneira através da qual os livreiros e impressores especializados nesse mercado representam as competências e expectativas de seus compradores. Assim como as próprias estruturas do livro são dirigidas pelo modo de leitura que os editores pensam ser o da clientela almejada”* (p.20). Ainda segundo CHARTIER (1994) se esse processo constrói um tipo de leitor, do ponto de vista histórico, os autores passam a se conformar com novos formatos, com essas regras de legibilidade estabelecidas para que um texto entre em circulação.

Abordando predominantemente o livro, Roger Chartier, no conjunto de sua obra, pode apresentar-nos pistas para uma análise material de revistas, necessária à compreensão desse tipo de suporte, que vem proliferando cada vez mais na sociedade contemporânea.

Uma dimensão que pode ser evidenciada refere-se à possibilidade de realizar uma análise material dos periódicos, ou seja, a forma de disposição das páginas, a quantidade de folhas destinadas às páginas redacionais, o processo de *pictografização* do texto (BARZOTTO, 1998), o tamanho dos artigos, os tipos de letras utilizados, entre outros, deixam claro que uma análise material do suporte pode ser uma fonte fecunda de dados. Isso coloca o trabalho de análise num campo de estudos sobre a materialidade do suporte revista

Reforçando a idéia do significado da composição do veículo e de seu processo de textualização na constituição de sentidos, BARZOTTO (1997) afirma que:

“as providências tomadas por autores e editores no que concerne à textualização e à composição do material que vai se tornar objeto impresso, visando a direcionar o leitor para uma leitura determinada, constituem-se simultaneamente em mobilização de sentidos específicos para compor o discurso, uma vez que ele não coincide com o texto, mas que também não existe isoladamente” (p.64, resumo da comunicação).

Talvez outros conceitos devam ser buscados para nos ajudar a ampliar o olhar, como os do campo artístico, por exemplo. A idéia de arquitetura da página e da importância tanto dos espaços cheios quanto preenchidos, ou de sua posição na construção dos significados de uma obra, tem sido trazida pelas práticas e discussões realizadas no campo artístico, onde poetas, pintores, fotógrafos, escultores e artistas



gráficos, entre outros, já têm clareza sobre a importância dos aspectos gráficos na construção dos sentidos.

VAZ (1998) vem apresentando discussões referentes à base material dos textos, do ponto de vista da produção editorial, chamando a atenção para a consideração do livro como objeto e projeto gráfico. O trecho abaixo reitera a importância desses aspectos:

“Abre-se a via de leitura ao se disponibilizar a obra, corpo apresentado para que o leitor, lendo o texto, desperte o espírito que nele adormece. Os atrativos da abordagem são para ‘chamar a atenção’ do leitor, com o objetivo de transformá-lo em ‘intenção de leitura’. Deve ser colocado em relevo esse importante momento de aproximação entre o objeto livro e seu pretendido leitor, através de sua apresentação gráfica... Falar em leitura bem sucedida de um texto impresso é lembrar o óbvio: só é ‘legível’ aquilo que é ‘visível’; se o texto visto e lido for ‘inteligível’, aí sim completa-se o circuito da comunicação... A boa leitura, portanto, requer um encadeamento sequenciado desses três fatores: 1. visibilidade > 2. legibilidade > 3. inteligibilidade” (p.41-42)

Pode-se dizer que a base material do texto, segundo estudos relativos ao papel da materialidade, é um indício que precisa ser considerado, para se inferir o grau de relevância que se pretende dar a uma produção escrita. Questões como posicionamento, tamanho e fatores de legibilidade são indicativos de um projeto gráfico das revistas, que antecede o conteúdo e a forma estilística eleita para estabelecer a comunicação com o leitor nos editoriais.

O corpus analisado neste estudo apresenta alguns indícios materiais relevantes que serão levantados a seguir.

O editorial da revista *Amae Educando* aparece na primeira página da revista, ocupando um espaço de uma coluna, escrita em letra em fonte dez, com média de 33 toques por linha e cinco centímetros de largura, sem marcação entre blocos dos parágrafos e marcação de título quase inexpressiva, dividindo sua existência material na página com um sumário que ocupa o dobro de sua extensão, no qual são utilizadas cinco tipos diferentes de letras, duas cores (vermelho e preto), além de fotografias, e com uma pequena ficha técnica da revista. Pela produção visual desses outros textos que margeiam o editorial, percebe-se a menor relevância dada a ele.

Também na primeira página da revista *Presença Pedagógica*, aparece o editorial, com o título destacado em faixa alaranjada esmaecida, letra em itálico, com fonte doze e mancha ocupando uma margem esquerda de quatro centímetros, direita de dois, superior de sete cm. (ocupada ao meio pelo título) e margem inferior de dois centímetros. Localizado antes da ficha técnica e do sumário, parece que o editorial não pretende dividir atenções com outro tipo de texto e espera chamar a atenção do seu leitor, do ponto de vista visual.

Na primeira página da revista *Dois Pontos*, e dividindo espaço com a ficha técnica destacada em fundo verde-claro, aparece o editorial assinado, que ocupa, diferentemente da primeira revista, o dobro do espaço destinado à ficha. Após o título fixo Editorial, aparece um sub-título do editorial em questão - demonstrando a eleição de um tema específico -, ambos com letras diferenciadas da fonte doze *Times New Roman* escolhida para o texto.

Comparando os três editoriais do ponto de vista do espaço e da posição ocupados pelo texto, podem-se inferir questões relativas à imagem que se faz do leitor

e se, realmente, espera-se que este leia o texto.

A leitura de editoriais e de outras páginas redacionais (de uso da própria revista, para escrita de fichas técnicas, de cartas dos leitores, etc.) parece constituir um tipo de leitura incomum. Ou seja, que tipo de leitor lê editoriais? Até que ponto espera-se que um profissional leitor, que trabalha na escola um tipo de leitura fragmentada e didatizada, observe a composição geral de um periódico e o papel das páginas redacionais, do ponto de vista de uma melhor compreensão sobre o órgão publicante? Qual é o papel dessas páginas no entendimento sobre quem está falando, sobre quem está produzindo e a partir de quais posições? Ou seja, até que ponto o leitor-médio, professor, previsto pelas revistas, deveria compreender os modos de organização de um texto redacional como indícios para uma análise do discurso?

Talvez por essa idéia de leitor-modelo, os próprios espaços destinados ao editorial sejam coerentes: todos na primeira página, mas ocupando posições diferenciadas: o destaque total para o texto, na *Presença Pedagógica*, sua quase inexpressividade material na *Amae Educando* e sua posição média na *Dois Pontos*. Afinal, que investimento gráfico e material é suficiente para acionar a atenção do leitor para esse tipo de texto? Entre a possibilidade de ter de escrever um editorial como tradição do periódico ou como opção mais explícita de interlocução com um tipo de leitor, fica a dúvida sobre a real função que cumpre esse tipo de texto, do ponto de vista material.

Os modos de organização e as estratégias discursivas

Do ponto de vista das estratégias discursivas, pode-se dizer que os modos descritivo, narrativo e argumentativo dos discursos, assim como a super-estrutura que os sustenta, são trabalhados em função da própria argumentação, que rege toda a forma de organização, visto que, nos casos escolhidos para análise nesse estudo, mesmo que seja temático (revistas *Dois Pontos* e *Presença Pedagógica*) ou organizativo (*Amae Educando*), o que se pretende é convencer o leitor, a partir de um ponto de vista defendido.

Também por essa função primeira, as marcas lingüísticas propriamente ditas só ganharão sentido se referidas a esse quadro mais amplo. Neste texto, defende-se uma posição de não se definir *a priori* o que será destacado para a análise, como têm feito alguns estudos sobre editoriais no campo da análise do discurso e da mídia, ou seja, escolhe-se uma modalidade discursiva como “*Raciocínio restritivo na argumentação ponderada*” (RODRIGUES, 1997) ou uma partícula lingüística, como, por exemplo “*Desempenhos argumentativos e/ou condicionantes do ‘se’ em editoriais jornalísticos*” (NEVES, 1997) e, a partir desse quadro, efetuam-se as análises.

Buscando captar a construção de sentidos e o papel da materialidade lingüística, optou-se neste estudo, por uma visão mais geral sobre as estratégias de organização e marcas lingüísticas do primeiro editorial do ano de 1997 - anúncio de intenções para o ano? - a partir de uma breve análise comparativa.



O editorial da *Dois pontos*

DESIDERATO

A identidade das pessoas é um vir-a-ser que já é e nunca deixa de ser. Ela se constrói pela atividade, que lhe agrega atributos, cuja percepção presente decorre da passada - seu sou o que fiz e, sobretudo, o que fiz e faço para mudar o que sou. Na verdade, eu estou sendo. Estou sendo a partir do momento em que distingui de mim o outro, em que constatei que Eu sou eu, ele é ele, em que tomei consciência da minha continuidade em mim mesmo, embora sabendo estar em constante fluir.

Eu estou sendo os meus sentimentos e as minhas representações a meu respeito, levando em conta a cor da minha pele, meu sexo, minha posição sócio-econômica, as oportunidades que tenho tido, minha cultura, as características a mim conferidas pelos outros e, também, o que faço para manter ou mudar tudo isso em mim.

Eu estou sendo eu mesmo e, por isso, somente por isso, eu sou livre para dividir, com outros homens e mulheres, minha condição de ser humano.

Sou livre para compartilhar com quem disto carece: minhas posses, meus carinhos, minha amizade, meu amor, minha sabedoria.

Sou livre para dar aos outros os meus caminhos desvelados, meus préstimos conquistados. Sou livre para lotear, de graça, aos sem-terra, todo o vasto latifúndio dos meus sonhos, de meus desejos, de minhas esperanças.

Mas não poderei, nunca, dividir, doar, emprestar a minha condição de eu ser eu, porque, assim sendo, perderei minha liberdade - o que vale dizer: minha identidade; o que também vale dizer: deixarei de ser, de existir.

As escolas de todo o mundo e as alternativas educacionais de qualquer espécie só me serão válidas, legítimas e necessárias quando instituírem, nas suas visões e missões; e, mormente nas suas ações, a manutenção e o ensino/aprendizagem do ser eu. Do meu eu e de todos os eus existentes e a existirem, não clonados nem clonáveis.

Fernando Caramuru Bastos Fraga

Assinado pelo editor (que representa o ponto de vista da empresa editora) e intitulado de *Desiderato* o editorial tematiza a questão da identidade, de um ponto de vista lírico, ou seja, o texto apresenta-se com uma linguagem poética e de caráter subjetivo, acentuado pelo uso de pronomes na primeira pessoa (onze *eu*, vinte e dois meus *minha* e dois *mim* em apenas 33 linhas) e o uso das palavras *livre* e *liberdade*.

Como organização formal, apresenta-se um primeiro parágrafo com uma breve definição de identidade e constrói-se toda a argumentação posterior a partir da idéia de identidade como construção de um eu liberto. Apenas no parágrafo final, fecha-se com uma breve referência às escolas de *todo o mundo* e alternativas de todas as espécies, que deverão ter como missão o “*ensino-aprendizagem do ser eu*”.

Na forma argumentativa eleita não se faz nenhuma alusão direta sobre a relação do tema com algum dos artigos publicados naquele número, que abordam também essa temática. É como se o editorial pairasse acima da revista propriamente dita, e cumprisse a função de exprimir o ponto de vista pessoal do editor.

O eu genérico construído no texto apresenta uma idéia de identidade descolada das diferenças culturais e econômicas coletivas, chegando a expressar que “*sou livre para lotear, de graça, aos sem-terra, todo o vasto latifúndio de meus sonhos, de meus desejos, de minha esperança*”. Dessa forma, identidade parece ser uma questão pessoal e subjetiva e entendida a partir dos campos da Psicologia e Filosofia, áreas

presentes nos artigos de todas as revistas do ano, evidenciando, no editorial, uma linha humanista da revista como um todo.

Esse tipo de discussão contrapõe-se a um tipo de visão já recorrente, de que a escola precisa considerar essa problemática da identidade no contexto de possibilitar ou não a construção de identidades coletivas. Além disso, não se explicita que esse conceito vem chegando com mais força em todas as instituições sociais, a partir das reivindicações e lutas de grupos marginalizados que querem ver as suas identidades preservadas, sobretudo na escola, que historicamente vem excluindo de seus currículos e formas de organização as diferenças culturais coletivas.

Dissertando sobre um tema, de forma tão universalista, parece que o argumento da necessidade de construção do “*ensino-aprendizagem do ser eu*” é tão descontextualizado que se aplica a qualquer aluno, individualmente e a qualquer escola, com qualquer projeto pedagógico. E o leitor virtual, será também um professor genérico? Ou um leitor genérico? Até que ponto o discurso da revista, demonstrado num dos seus textos - o editorial - pode dar-nos pistas sobre o tipo de leitor pensado?

O editorial da AMAE Educando

EDITORIAL

179

Nada como um novo ano que começa. Esperemos que em 1997 possamos realizar o melhor dos projetos, dar as melhores aulas, estabelecer as melhores parcerias dentro e fora da escola, nos atualizarmos mais, ficarmos profissionais mais maduros, experientes, criativos. Amae Educando inicia-se já com uma novidade. Além do melhor em artigos pedagógicos e relato de experiências reais bem sucedidas, a revista traz uma série de textos em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce - uma forma de fazer a conexão entre o mundo do ensino com o mundo da atividade econômica, mundos aliás que só são adequadamente eficazes e efetivos se forem, na realidade, um só. Os textos serão publicados ao longo do ano e poderão ser destacados da revista para uso em sala de aula.

O artigo de capa desta edição (página 6) é um show de criatividade e boas idéias na abordagem de uma matéria considerada espinhosa para muita gente: a matemática. Uma feira de matemática realizada em Indaial, Santa Catarina, provou que é totalmente possível ensinar “matemática prática” aos alunos e fazê-los delirar com o conteúdo estudado e com a maneira de realizar o estudo. Quatro escolas catarinenses inventaram clubinhos de matemática e projetos sobre automóveis, estradas, espaço urbano, construção civil, para descortinar o mundo dos números e dos cálculos para as cabeças ávidas de conhecimento dos estudantes. Uma experiência que também merece ser conhecida é a do “Banco de textos” (página 33), que reproduz o funcionamento de uma instituição bancária, onde os alunos têm conta e podem sacar ou depositar textos. Outro projeto interessante e inovador é o do minhocário (isso mesmo, um criatório de minhocas), relatado à página 16. Um trabalho que combina educação ambiental, lazer e a certeza de que, no espaço da escola, muito mais pode ser feito além do restrito domínio do giz no quadro-negro.

Sem assinatura, o editorial desta revista apresenta como tópicos um breve anúncio das intenções para o ano que se inicia e, a seguir, explicações sobre o novo encarte e comentários sobre algumas experiências relatadas no número.

Os termos *melhor, melhores*, mais usados no primeiro parágrafo, dão a idéia de construção de uma competência pedagógica como projeto da revista, reafirmando que “*além do melhor em artigos pedagógicos e experiências reais bem sucedidas*” (isso seria uma alusão a experiências irreais?), será apresentado um encarte realizado em parceria com a Companhia Vale do Rio Doce.

Como estrutura argumentativa, o editorial vale-se do discurso citado de figuras proeminentes na educação nacional, uma delas o entrevistado do mês - Demerval Saviani e a outra, do entrevistado do primeiro número - Paulo Freire. Destacam-se duas frases: “*estou cada vez mais me radicalizando*” e “*precisamos de resistência ativa*” em torno das quais se defende a necessidade do pensamento crítico brasileiro na área da educação ante as políticas educacionais.

Apresentando fatos recentes da política educacional, com o uso do operador argumentativo afinal, com força explicativa, utilizado cinco vezes para reforçar a existência de políticas concretas em andamento e/ou de somar argumentos a favor de uma resistência ativa, conclui-se que é por esses motivos que o projeto da revista para o terceiro ano é o “*posicionamento contrário aos mecanismos de desumanização e exclusão estejam esses no **espaço da instituição escolar ou no espaço das políticas educacionais do País.***” (Grifo nosso)

O uso dos pronomes nós e nosso parece incluir editor, autores e leitor na responsabilidade de realizar um trabalho consciente e coletivo perante os mecanismos de exclusão que se quer combater.

Pelo conteúdo apresentado e pela forma discursiva escolhida, pode-se dizer que o leitor-professor virtual apresenta-se como alguém que conhece figuras nacionais de destaque, acompanha as políticas públicas e participa dessa comunidade de *resistência ativa*, compartilhando de conhecimentos e posições comuns, indício forte de *intertextualidade*. Esse leitor-professor atua dentro e fora da sala de aula, contextualizando-se na realidade educacional mais ampla. Dessa forma, o âmbito de sua ação extrapola a sala de aula: é o espaço da instituição escolar e o das políticas públicas. Isso pode estar demonstrando que o espaço da sala de aula deve ser entendido como determinado por instâncias mais amplas e que as discussões a serem realizadas com o leitor devem extrapolar a sala de aula e situar-se também no campo menos imediato de aplicação.

Breve conclusão

Esse exercício de análise comparativa traz alguns dados sobre o tipo de leitor previsto e sobre a visão de professor, a partir dos conteúdos pertinentes à sua formação, assim como a forma de dirigir-se a esse leitor. Talvez se pudesse chegar a conclusões bem diferentes se comparássemos todos os editoriais de cada revista, no tempo, e entre revistas. Isso porque podem aparecer mudanças de rumo e recorrências, elementos que só podem ser percebidos diacronicamente.

O discurso da revista também pode ser melhor entendido, se considerarmos a identidade do suporte específico revistas pedagógicas e destas em relação a outras revistas que circulam na sociedade. Em outro trabalho (FRADE, 1999) analiso algumas destas características.

Além disso, também é necessário um outro momento de análise do texto e de mecanismos de composição dos sumários, capas, títulos, ilustrações, chamadas destinadas ao leitor, propagandas das próprias revistas, entre outros aspectos, que talvez favoreçam a ampliação do entendimento sobre os mecanismos de construção do leitor, existentes na composição da revista como um todo.



Vestiges of a rhetoric: the support, the material base and the texts of pedagogical journals

By presenting a brief review of research on pedagogical journals, this paper discusses the lack of studies on reading and reading materials in such journals. A theoretical framework for the analysis of discourse and journals, as texts and objects, is provided. Editorials from three different pedagogical journals from the state of Minas Gerais, Brazil, are then analysed from to three points of view: function, format and position, and finally, discourse strategies and organization.

Referências Bibliográficas

- ALVARENGA, Lídia. *A institucionalização da pesquisa educacional no Brasil: estudo bibliométrico dos artigos publicados na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1944-74, FAE/UFMG, 1996. (Tese, Doutorado).
- AMADO, Tina et alii. Para uma avaliação dos periódicos brasileiros de Educação. *Revista da Faebra*, n. 2, 1993. p.173-195.
- AMAE EDUCANDO. Belo Horizonte: Fundação Amae para Educação e Cultura. (Coleção de revistas do ano de 1997).
- BARBOSA, Gustavo e RABAÇA, Carlos Alberto. *Dicionário de comunicação*. São Paulo: Ática, 1987
- BARZOTTO, Valdir H. Análise do discurso e história cultural - relações possíveis em revistas periódicas (resumo de comunicação). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE DO DISCURSO: CONTROVÉRSIAS E PERSPECTIVAS. *Programa de comunicações*. Belo Horizonte, 1997. p.64-65.
- _____. *Leitura de revistas periódicas: forma, texto e discurso; um estudo sobre a revista Realidade (1966-1976)*. Campinas: UNICAMP, IEL. 1998 (tese, doutorado)
- BASTOS, Maria Helena Câmara. As revistas pedagógicas e a atualização do professor: a revista de ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992). In: CATANI, D. & BASTOS, M.H.C.(org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p.47-75, p.11-31.
- BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- CASPARD, Pierre & CASPARD, Penélope. Imprensa Pedagógica e Formação contínua dos professores primários (1815-1939). In: CATANI, D. e BASTOS, M. H. C. (Org.). *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. p.33-45.
- CATANI, Denice Barbosa. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. *Revista Educação e Filosofia*, v. 10, n. 20, p.115-130, jul./dez. 1997
- CHARTIER, Anne Marie. Leitura escolar: entre pedagogia e sociologia. *Revista Brasileira de Educação*, n.0, p. 17-52, set./dez. 1995.
- _____. Les futurs professeurs d'école et la lecture. *Revista Argos*, n. 14, p. 70-73.
- _____. *Lectures personnelles et lectures professionnelles dans les trajectoires de formation*. Versailles: Centre de Cergy Circonscription de Garges lès Gonesse, 1995-97. Projet de recherche IUFM.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- _____. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. de M. Galhardo. Lisboa: Bertrand Brasil, 1990. p. 121-39: Textos, impressos, leituras.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução Mary del Priore. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.
- _____. De l'histoire du livre à l'histoire de la lecture: les trajectoires françaises. In: BODEKER, H. E. (Org.). *Histoires du livre*. Nouvelles orientations. Paris: IMEC, 1995.
- _____. (Org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CORREA, Angela M. da S. Os modos de organização do discurso na coluna sobre artes e espetáculos das revistas *Isto é* e *Veja*. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997. p.93-97.
- _____, CUNHA, Maria Elisabeth Sá. Confronto entre a mise en scène discursiva das revistas *Veja* e *Le Nouvel Observateur* nas colunas da crítica cinematográfica. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997. p. 98-102.
- _____, CUNHA, Tânia Reis. Os modos de organização do discurso na coluna *Artes - Spectacles*. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997. p. 103-107
- _____, MARTINS, Cláudia Fátima. Intertextualidade e interdiscursividade em títulos e ilustrações das colunas artes e espetáculos. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997. p. 108-110.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DOIS PONTOS; teoria e prática em educação. Belo Horizonte: Grupo Pitágoras., v. 4, 1997.

- ECO, HUMBERTO. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 35-50: O leitor modelo.
- FRADE, Isabel Cristina A. S. *Leitura: práticas, impressos, letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. *Revistas Pedagógicas: qual a identidade do impresso?*
- GANDINI, Raquel Pereira Chainho. *RBEP (1944-1952): Intelectuais, Educação e Estado*. Campinas: Unicamp, 1990. (Tese, Doutorado).
- JUNQUEIRA, Márcia Rodrigues. Mallarmé: um partner da dança. *O Tempo*, Belo Horizonte, 7 set. 1997. p. 7.
- KOCH, Ingedore V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.
- NEVES, Mônica Alvarez G. Desempenhos argumentativos e/ou condicionantes do "se" em editoriais. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO,2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.200-105.
- NÓVOA, Antonio. *Educação em Revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997. A imprensa de Educação e Ensino.
- POULAIN, Martine. (Org.). *Pour une sociologie de la lecture: lectures et lecteurs dans la France contemporaine*. Paris: Cercle de la Libraire, 1988. p. 11-28: Lecteurs et lectures: le paysage général.
- PRESENÇA PEDAGÓGICA. Livro: objeto do desejo. Belo Horizonte, Dimensão, v. 2, n. 12, nov./dez. 1996.
- PRESENÇA PEDAGÓGICA. Belo Horizonte, Dimensão, v 1, 1997.
- QUEIROZ, Ana Maria V., PAULIUKONIS, Maria Aparecida. Um estudo semiolinguístico de um editorial jornalístico. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO,2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.212-217.
- RICHAUDEAU, François. Pour une théorie unitaire typographique. *Communication et langages*. Paris: Centre D'Etude et de Promotion de la Lecture. n.36, 4o trim. 1977.
- RODRIGUES, Fernando Ozório. Raciocínio restritivo na argumentação ponderada. In: ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 1997, Rio de Janeiro. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997. p.200-205.
- SILVA, Lilian Lopes Martin. A revista leitura: teoria e prática e o professor – um leitor em formação. In: MARINHO, Marildes, SILVA, Ceris Salete Ribas (Org.) *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil, 1998
- SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura - perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.
- TOLEDO, Maria Helena Acayaba de. *Revistas de fotonovelas e estudantes de oitava série do primeiro grau e terceira série do segundo grau de escolas públicas da cidade de Araraquara*. São Paulo: PUC/SP, 1981. (Dissertação, Mestrado).
- VAZ, Paulo Bernardo. Livro: a matéria que não acabou. *Presença Pedagógica*, v. 2, n. 12, nov./dez. 1996.
- VAZ, Paulo Bernardo. Ilustre ação. Embalar textos com letras e margens. *Revista Presença Pedagógica*. v. 4, n. 19, p.39-45, jan./fev. 1998.
- VIEIRA, Martha. *Construtivismo: a prática de uma metáfora - forma e conteúdo do construtivismo em Nova Escola*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1995. (Dissertação, Mestrado).

